

ANATOLI VASSILIEVITCH LUNATCHARSKI E OS PRINCÍPIOS DA ESCOLA SOVIÉTICA

Zoia Prestes¹
Elizabeth Tunes²

Resumo

Anatoli Vassilievitch Lunatcharski desempenhou um importante papel no movimento revolucionário russo que levou à instalação do poder dos Soviets na Rússia. Por ser um intelectual brilhante foi nomeado *Comissário do Povo para Instrução* e impulsionou o trabalho de estruturação do sistema educacional soviético, elaborando os princípios norteadores da nova escola que formaria o *homem novo* – tarefa imediata apresentada pelo novo regime instalado com a Revolução de Outubro. Praticamente desconhecido no Brasil, o artigo em questão narra a trajetória de Lunatcharski e apresenta algumas informações a respeito de sua contribuição teórica para o estabelecimento das bases da nova escola pública soviética.

Palavras-chave: Revolução de Outubro; Lunatcharski; Homem novo.

ANATOLI VASSILIEVITCH LUNATCHARSKI AND THE PRINCIPLES OF THE SOVIET SCHOOL

Abstract

Anatoli Vassilievitch Lunatcharski played an important role in the Russian revolutionary movement that led to the installation of Soviet power in Russia. For being a brilliant intellectual, he was appointed People's Commissar for Education and gave impetus to the work of structuring the Soviet educational system, elaborating the guiding principles of the new school that would form the *new man* - an immediate task presented by the new regime installed with the October Revolution. Almost unknown in Brazil, the article in question narrates the trajectory of Lunatcharski and presents some information about its theoretical contribution to the establishment of the bases of the new Soviet public school.

Keywords: October Revolution; Lunatcharski; New man.

¹ Graduada em Pedagogia e Psicologia Infantil, Mestre e Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação (Niterói) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). zoiaprestes@uahoo.com.br.

² Graduada em Psicologia, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). bethTunes@gmail.com.

Introdução

Resolução do Comissariado do Povo para a Educação sobre a revogação de nota

Parágrafo 1º: Fica revogada a aplicação do sistema de avaliação dos conhecimentos e do comportamento dos estudantes em todos os casos da prática escolar sem exceção.

Parágrafo 2º: A transferência de uma série para outra e a emissão de Certificados serão feitas com base no êxito dos estudantes, segundo pareceres do conselho pedagógico sobre a realização do trabalho acadêmico.

*Assinado: Anatoli Lunatscharki
Comissário do Povo para a Instrução Pública
Maio de 1918*

No momento em que Lunatcharski, o primeiro Comissário do Povo para Instrução Pública da Rússia Soviética, assinou a Resolução apresentada em epígrafe, a Revolução Socialista Russa, que completa cem anos em novembro do ano corrente, estava entrando apenas no seu sétimo mês e, como é possível observar pelo documento, o vertiginoso fluxo do processo revolucionário de ruptura com o velho sistema não se dava apenas no campo político, mas em todas as frentes, e a organização do sistema de educação era uma das tarefas mais importantes para que o novo regime se firmasse. Estava em pauta a formação do *novo homem*. A Resolução, além de escancarar as portas da escola, dando acesso a todos e rompendo com o seu modelo monárquico elitista, evidencia a visão humanística de Lunatcharski, ao propor a abolição da avaliação dos estudantes com a atribuição de nota, adotada na escola czarista, pois caso prevalecesse, seria impossível que os filhos de trabalhadores e camponeses ingressassem e permanecessem na escola já que não poderiam atender ao padrão de conhecimento aos quais os professores da “velha escola” estavam acostumados.

O documento também transpira o contexto histórico: seria impossível uma escola genuinamente socialista sem assumir que o seu verdadeiro dono é o povo

trabalhador e mais ninguém, como ele mesmo destaca em um dos seus discursos:

Primeiramente, liquidamos os restos do antigo aparelho, suprimimos a função de procuradores dos distritos, de directores e inspectores das escolas. Esta reforma foi preparada durante vários anos, agora acabamos com ela. Seguidamente, foi necessário suprimir da escola as características inaceitáveis para nós e publicamos um decreto proibindo o ensino do catecismo, eliminando o latim dos programas; revogamos os certificados de maturidade, substituindo-os por certificados de fim de curso, suprimimos as notas e introduzimos o ensino misto. Qualquer pedagogo reconhece que estas reformas são uma condição indispensável para uma escola minimamente normal.

Mais não fizemos do que varrer da escola o velho pó, do que desembaraçá-la de certas taras que saltam aos olhos. Feito isto, é tempo de imediatamente se passar a uma verdadeira reforma construtiva da escola (LUNATCHARSKI, 1988, p. 16).

Anatoli Vassilievitch Lunatcharski nasceu em 23 de novembro de 1875, numa cidadezinha chamada Poltava, na Ucrânia. Com três anos mudou-se para a cidade Nijni Novgorod e ficou aos cuidados do pai Aleksandr Ivanovitch Antonov (1829-1885), primeiro marido de sua mãe, Aleksandra Iakovlevna Rostovtseva (1842-1914). Segundo Lunatcharski, seu pai era um homem com ideias revolucionárias e democráticas e foi quem impulsionou seu espírito ateuista.



Figura 1: A casa em Poltava em que nasceu A. V. Lunatcharski
(Fonte: <http://lunacharsky.newgod.su/>)



Figura 2: A.V. Lunatcharski com 3 anos entre os pais

Fonte: <http://lunacharsky.newgod.su/>

Não há muita informação a respeito do fato de Anatoli ter adotado o patronímico e sobrenome do padrasto, Vassili Fiodorovitch Lunatcharski. No entanto, ele afirma que ser filho de um funcionário público com ideias liberais foi muito marcante em sua vida e, em suas recordações, os pais são retratados como pessoas muito corajosas e ativas. Além disso, lembra, também, como era muito comum nas famílias nobres da intelectualidade, que, ainda muito pequeno, gostava de ficar sentado num sofá até tarde da noite, ouvindo como Aleksandr Ivanovitch lia para sua mãe obras de autores clássicos russos e estrangeiros, prestando atenção aos comentários que acompanhavam a leitura do pai.

Após uma cirurgia malsucedida, seu pai faleceu e a mãe vivenciou a perda de forma muito difícil, mudando radicalmente sua personalidade: de uma mulher alegre, feliz e amável, transformou-se numa pessoa triste, fechada e rígida. Anatoli tornou-se o principal alvo de todas as reclamações da mãe, segundo ele,

não apenas por ser muito parecido com o pai, (bonachão, gordinho), mas também por ter total aversão a qualquer atividade física; preferia ficar em casa lendo e isso irritava sua mãe. Logo começou a manifestar duras críticas ao comportamento da mãe e dizer que “a casa se tornou uma casa de proprietária de terras”. O ambiente piorou muito, por isso passou a ficar mais tempo na rua com os amigos. No entanto, mesmo fazendo inúmeras cobranças, a mãe gostava muito dele. Aquela convivência mais harmônica, que havia anteriormente, mudou, mas seu sentimento em relação à mãe continuava igual. Ele mantinha uma boa relação com ela, gostava muito dela e respeitava-a.

Anatoli Lunatcharski nutria um verdadeiro ódio pela escola e o declarou ao falar do ensino de matérias desnecessárias que eram ensinadas de forma “seca”, sem despertar nenhum interesse. Por ser um aluno mediano, terminou a escola primária e o ginásio com notas médias. Muitos pesquisadores da vida e da obra de Lunatcharski ainda se impressionam com o fato de que ele se formou no ginásio apenas com 20 anos, ou seja, bem mais tarde que seus colegas. Ele mesmo registrou, em sua biografia, que repetiu de ano e por isso perdeu dois anos. Mas vale revelar um fato curioso: enquanto na escola era considerado um aluno mediano, tanto em conhecimento como em comportamento, em casa, já tinha lido os grandes filósofos: aos quatorze anos leu Marx e estudou Mill. Em sua autobiografia, contou que com quinze anos já tinha lido o primeiro volume de *O Capital*, de Marx, e que com a mesma idade ingressou no Partido Social-Democrático Russo, considerando-se um “social democrata”, porém marxista (LUNATCHARSKI, 2017).



Figura 3: A.V. Lunatcharski com 13 anos
Fonte: <http://lunacharsky.newgod.su/>

A partir desse momento, Lunatcharski começou a assumir uma posição ideológica de esquerda e a integrar uma organização política, fazendo propaganda entre os ferroviários na cidade onde morava e participando do processo revolucionário que estava sendo gestado no final do século XIX e início do século XX, na Rússia. Por ser um jovem politicamente suspeito, as portas da Universidade da Rússia estavam fechadas para ele. Então, tentou convencer a mãe de que a saída seria estudar fora da Rússia. Depois de resistir muito, ela aceitou que ele fosse para uma Universidade em Zurique, onde tornou-se aluno de Pavel Akselrod, filósofo russo marxista que praticamente o adotou. Além disso, estudou também com Avenarius, filósofo francês. Lunatcharski destacou em sua biografia que estes dois pensadores influenciaram sobremaneira sua visão de mundo, pois ambos deram muito suporte a seus estudos e o ajudaram a definir seus interesses.

Um dos biógrafos de Lunatcharski afirma que o interesse por fatos da sua vida e pela obra foi despertado mais recentemente, porém, na sua maioria, se resume a sua atuação no Comissariado para Instrução, desconsiderando sua enorme

produção intelectual literária. Além disso, algumas informações mais detalhadas sobre sua formação também só ficaram conhecidas nos últimos anos.

É curioso que, pelo visto, sem desconfiar disso, Anatoli Vassilievitch seguiu os passos do avô, tornando-se estudante ouvinte da Universidade de Munique, participando, de acordo com sua escolha, de aulas nas Universidades de Nice, Reims, Paris e da Universidade de Moscou, por ocasião de seu retorno à Rússia em 1898. Em suas memórias *Recordações de um passado revolucionário*, Anatoli Vassilievitch escreveu: “Minhas aulas na Universidade de Munique, que duraram menos de um ano, foram muito férteis... Eu afundei em livros de filosofia, história, sociologia e elaborei para mim mesmo um programa, combinando o departamento de filosofia da faculdade de ciências naturais, seu departamento naturalístico, e algumas aulas da faculdade de direito e, até mesmo, com aulas do Politécnico de Munique. Os cursos importantíssimos nesse programa para mim foram: a anatomia, com Martin; a fisiologia, com Gaulle; e principalmente a fisiologia das sensações, com Vlasak; a economia política, com Platten. Mas, é claro, tudo passava para o segundo plano – no sentido das minhas aulas universitárias – diante dos trabalhos de Avenarius...” (LUNATCHARSKAIA, 1979, p.482).

Lunatcharski estudou e se formou em filosofia. Além disso, dedicou-se também à arte e escreveu muitas críticas e resenhas. Lenin se referiu a ele, certa vez, dizendo que era um homem “diabolicamente inteligente”. Realmente, ele possuía um saber enciclopédico, era fluente em onze línguas e, por isso, conhecia bem, e no original teóricos com os quais dialogava em seus trabalhos. Era um homem muito culto, muito sábio, muito tranquilo e admirado. Escreveu diversos livros que são pouco conhecidos, principalmente, no Ocidente, inclusive romances e resenhas literárias.

Obviamente, sua militância no partido desde muito jovem e sua ativa participação no processo revolucionário o levaram à prisão na Rússia várias vezes. Para escapar de algumas, preferiu permanecer no exterior como um típico representante da elite intelectual russa do final do século XIX, um exemplo entre muitos intelectuais que a Rússia formou, que participaram ativamente do movimento revolucionário de organização do novo regime e que entraram na luta conscientemente, com ideais, esperança e muita determinação. Abdicou também do seu título de nobreza.

Com a vitória da Revolução e a instalação do poder dos Soviéticos, por ser um homem de inúmeras qualidades, saberes valiosos e sólida formação, Lunatcharski foi indicado por Lenin para ocupar o cargo de *Comissário do Povo para a Instrução Pública* – órgão do governo soviético responsável pelo sistema de instrução e educação. Ele aceitou e assumiu, registrando da seguinte forma em seus escritos: “Estão me dando uma responsabilidade muito grande e como vou conduzir isso?”. Um tempo depois de ser nomeado, segundo Lunatcharski, Lenin o encontrou nos corredores do quartel general da revolução e lhe disse:

Anatoli, preciso falar com você, preciso comentar duas coisas e dar algumas instruções a respeito de suas novas responsabilidades. No entanto, neste momento, estou sem tempo e ainda não organizei o que pensei e o que você tem que fazer nestes primeiros passos da revolução, principalmente, na educação. É claro que vamos ter que revirar muita coisa e seguir por novos caminhos (LUNATCHARSKI, 2017, p. 185).

Há inúmeras passagens que narram a relação de confiança que Lunatcharski mantinha com Lenin. Algumas delas, sem dúvida, estão relacionadas à Revolução Cultural que era parte integrante da Revolução Socialista, juntamente com o trabalho na educação - uma das principais tarefas dessa Revolução. Segundo Lenin, era preciso educar pessoas ativas e participantes da construção da sociedade socialista, formadas com uma visão dialético-materialista de mundo e da moral comunista. Para isso não bastava liquidar o analfabetismo, decretar a educação pública gratuita, reforçar a escola, oferecer uma educação dentro dos princípios comunistas, mas também defender a arte. E como um intelectual preocupado com a formação estética, em diferentes momentos Lunatcharski teve que enfrentar algumas resoluções de Lenin com as quais não concordava, como no caso em que se decidiu cortar as verbas do Teatro Bolchoi “qualificando-o de ‘cultura tipicamente latifundiária’ e a ópera do Bolshoi ‘de estilo cortesão luxuoso’” (FISCHER, 1967, p. 710). No entanto, por outro lado, Lenin

defendia o cinema como meio de propaganda e educação política das massas (Idem).

Anatoli Lunatcharski e os princípios da escola soviética

Ao assumir o cargo de Comissário para Instrução, Lunatcharski colocou na ordem do dia a tarefa de transformar a velha escola do regime monárquico, que era voltada apenas para filhos da nobreza, em uma escola pública para toda a população, uma escola baseada nos princípios da laicidade, da obrigatoriedade, da acessibilidade, da gestão democrática, da diversidade, do respeito às diferenças nacionais e locais (1982, p. 335). Além desse desafio, havia muitos outros, mas foi a este que Lunatcharski dedicou especial atenção, conclamando os docentes para a tarefa de erigir a nova escola que, como apontava Lenin, teria um papel primordial na construção da nova sociedade socialista.

Tendo os professores como os personagens principais da tarefa que se apresentava, apenas em 1918, na República Federativa Socialista Soviética da Rússia, foram realizados 164 Congressos locais (em cidades e regiões) de docentes e 81 Congressos dos trabalhadores da instrução pública (1988, p. 247).

Antes de mais nada, devíamos construir correctamente o departamento da Instrução Pública. Estava fora de questão o carácter burocrático. Queremos um autêntico poder do povo, isto é, a entrega de todo o poder às massas. A nossa orientação é, portanto, a de interessar a população pela escolaridade, de modo a que o professor seja eleito e controlado pela população, que a população local, organizada em comitês ou em soviets, assumam a direção suprema da escola. Sabíamos que em muitos locais não íamos ser compreendidos: camadas populares de opinião comunista ir-nos-iam seguir, mas toda a massa da pequena burguesia, a massa dos camponeses incultos a quem escapa o sentido da nova reforma, que só vê nela inquietação, que tende a dar marcha atrás – são massas bastante amplas – não iriam ao encontro da nossa reforma, e é por isso que muitas das questões relativas à escola devem em última instância ser decididas pelo governo (LUNATCHARSKI, 1988, p. 13-14).

Para formar professores era necessário pensar na ampliação do acesso da juventude proletária às instituições de ensino superior. Lenin fez a defesa da revolução cultural e, para ele, a tarefa de construção da nova escola e da formação do novo homem estava no âmbito da revolução cultural e os professores deveriam ser aqueles que levariam a cultura para o povo. Lenin afirmou que Lunatcharski deveria convocar os intelectuais e conversar sobre a participação deles nessa luta. E nesse processo seria muito importante, uma vez que seriam os professores formados com a ajuda deles, que iriam fazer a revolução cultural. A palavra era convocar, pois era preciso contar com especialistas em diversas áreas, já que Lenin tinha consciência de que apenas com os comunistas, membros do partido, eles não iriam muito longe.



Figura 4: A.V. Lunatcharski e V. I. Lenin em 1919

Fonte: <http://lunacharsky.newgod.su/>

Como um intelectual do campo da literatura, filósofo e um homem politicamente comprometido com a formação intelectual da juventude, Lunatcharski escreveu vários artigos em que aborda ideias valiosas sobre questões da educação no novo regime, indicando com clareza os pontos que considerava mais desafiadores: a escola burguesa não servia, mas qual escola deveria servir? De que escola precisa o estado proletário? Como seria essa escola? O que é educar

no socialismo? Qual seria o papel da educação estética? Qual formação deveria ter o pedagogo?

Para nós é importante que o pedagogo seja o homem mais universal e mais perfeito do Estado, porque ele deve ser a fonte da alegre transformação dos pequenos seres que vivem pleno processo de desenvolvimento progressivo e suas forças. É nisso que consiste a alta vocação do pedagogo, e é incontestável que nenhuma outra profissão coloca ao indivíduo exigências semelhantes. O pedagogo deve realizar na sua pessoa o ideal humano. Mas, simultaneamente, o pedagogo como especialista, deve ser um tanto limitado, razão por que os pais, eles também, devem participar da administração da escola (LUNATCHARSKI, 1988, p. 22).

Era o ano de 1918, mas as críticas que Lunatcharski fazia são atuais até hoje. A formação de professores e pedagogos ainda se apresenta como um grande nó na educação, especialmente em países como o Brasil. No entanto, pode-se perceber que não se tratava de pensar em modelos nem de escola e muito menos de profissionais da educação. Era necessária uma escola nova, em um país que estava em processo revolucionário, era preciso avaliar e respeitar a herança cultural, mas não havia um modelo, não se sabia aonde iriam chegar, porém, havia uma proposta. E nela estava a formação do novo homem, o novo homem livre para pensar e escolher, homem formado com visão de mundo, com visão estética, capaz de se posicionar e conviver com as diferenças.

Seguindo as recomendações de Lenin, Lunatcharski faz a convocação e muitos intelectuais decidem deixar a Rússia, porém outros tantos ficaram e colaboraram com o novo regime, participando do processo de formação de novas gerações de professores. No III Congresso da Juventude Comunista, em outubro de 1920, Lenin fez um discurso em que destacou a principal tarefa da juventude: *estudar, estudar e estudar*. A ênfase deveria estar nos estudos sem negar toda herança cultural deixada, pegar o que de melhor havia sido produzido e tornar disponível para todos. Essa seria a verdadeira revolução cultural para o povo. Obviamente,

as instituições educacionais desempenhariam um papel importantíssimo nessa revolução cultural, seria por meio delas que a revolução cultural teria início.

No artigo *As tarefas das escolas soviéticas no plano da educação* (LUNATCHARSKI, 1988, p. 223), ele afirma:

A educação política das novas gerações, que deverão tomar o lugar das actuais, está longe de ser tudo: as tarefas econômicas exigem com não menor premência uma atenção em relação ao indivíduo. Reeducação dos adultos, educação dos adolescentes e as crianças são outras tantas premissas para ulteriores êxitos, econômicos e políticos, sem falar do facto de que assim se transforma a vida dos homens, o que confere a todo movimento proletário o seu verdadeiro sentido. É dentro deste espírito que o processo pedagógico ocupa um dos lugares capitais. Vladimir Ilitch [Lênin] tinha razão quando dizia que a nossa geração será obrigada a empreender a reconstrução da vida dos homens se bem que esteja ainda atolada nos velhos preconceitos e nas antigas torpezas. Somos pessoas mutiladas, ainda não somos socialistas: estamos sobremaneira a ver a tendência para isso, mas é com dificuldade que sabemos mais ou menos correctamente adaptar o nosso comportamento àquilo que queremos.

Em outro texto, Lunatcharski aponta para sua visão da educação na sociedade socialista e diz:

O socialismo é uma sociedade humana normal, cujo princípio fundamental e essencial é a simples noção de comunidade de todos os homens para o bem de todos.

A questão é, portanto, a de saber realmente como o organizar. E trata-se de uma questão gigantesca. Mas o essencial é claro: para que cesse a exploração do homem pelo homem é preciso unir forças com vista a um objectivo comum. Em consequência, uma sociedade normal deve ser concebida e organizada com a finalidade de todos dela tirarem proveito e não apenas alguns privilegiados. Só a partir deste momento a pedagogia começa a tornar-se normal, pelo menos em esperança. A educação normal é social, por isso – no que diz respeito à finalidade da educação – não é questão de contradição entre educação individualista e social (LUNATCHARSKI, 1988, p. 36).

É possível perceber que, para ele, a educação tem uma função social e que ela acontece **também** no espaço escolar, mas, ao mesmo tempo, a escola é alvo de suas críticas em função de sua forma de se organizar. Sua defesa é em prol da diversidade e não de um padrão de escola.

[...] Não queremos que, em todas as províncias e distritos, todas as escolas sejam de um único e mesmo tipo: pelo contrário, quanto maior for a diversidade, tanto melhor, mas, naturalmente que o admitimos dentro de certos limites. Não se pode obrigar as crianças a ficarem sentadas várias horas nas carteiras a respirarem a poeira e o ar viciado. Aí tratar-se-ia não de diversidade, mas de estupidez (LUNATCHARSKI, 1988, p. 21).

Evidentemente, a questão da diversidade de escolas estava relacionada com outra questão apresentada desde a vitória da Revolução com o lema *todos na escola!* Por isso, também, editou-se a Resolução com a abolição da avaliação por notas, porque, se houvesse a avaliação, no momento de acesso, as crianças deveriam, obviamente, corresponder a um determinado padrão estabelecido pela escola que já existia. Então, as crianças que nunca frequentaram a escola e deveriam, a partir de então, ter acesso a ela, jamais o teriam. Além disso, a avaliação, do ponto de vista de Lunatcharski, não deve ter a finalidade de avaliar o resultado; para ele, o conhecimento não é produto da educação e da instrução, mas um meio para o desenvolvimento do ser humano.

Segundo seu modo de pensar, o desenvolvimento humano é inseparável da arte e da educação artística. Como um homem preocupado com a arte e o seu papel na educação, Anatoli Vassilievitch destacou, em diferentes obras, a importância da educação estética e o quanto estava fora dos debates.

A arte organiza o coração dos homens, do mesmo modo que a ciência organiza as cabeças, e o seu resultado directo é o entusiasmo moral das massas. Ora, para que isso aconteça, essa arte não deve ser a arte depravada para qual tendeu a burguesia durante o último período da sua existência... Sempre na arte do passado houve numerosos grupos de intelectuais que se revoltaram muito energicamente contra o espírito burguês. No curso de toda história, procuraram permanentemente criar uma consciência artística, uma arte ao mesmo tempo religiosa e estética (LUNATCHARSKI, 1988, p.68).

Falamos de tudo num período ao mesmo tempo feliz e infeliz, quando voávamos, qual Ícaro, nas asas de cera do nosso entusiasmo revolucionário. Essas asas de cera derreteram e pouco a pouco fomos descendo à terra de pecado. Mas há que lembrar que o fizemos para em seguida de novo elevarmo-nos, diminuimos por

um momento nossa exigência para com a escola para depois abalancharmos num impulso melhor.

A educação artística é outro enorme tema da educação. Neste domínio, quase nada se faz. Quando no Comissariado do Povo para a Instrução foram elaborados os princípios da escola soviética, dispensamos grande importância à educação artística. Seguidamente, por falta de meios, nada ficou da educação artística, salvo aqui e ali aulas de canto, um pouco de teatro ou desenho de arte, e alguns dos meus colegas de espírito realista até me disseram que a predileção pela educação artística se devia pelo facto do Comissário do Povo ser um original apaixonado pela arte que queria introduzi-la na escola, mas que na realidade isso era a quinta roda da carroça, como a gente sabe. Quando formos ricos, poderemos pensar na arte

Este ponto de vista denota uma extrema ignorância. A educação artística é um factor de educação particularmente importante, e não só porque é agradável desenvolver no aluno este ou aquele dom artístico, para que ele possa cantar, tocar violino ou desenhar bem, e também não só, como com frequência dizem os pedagogos burgueses, para desenvolver na criança capacidade de fruir a natureza e as obras artísticas que lhe permitam sentir-se feliz.

O importante não reside nisso. O importante é que quase não existe outro meio de educar as emoções humanas e, por conseguinte, a vontade humana. Claro que é necessário ligar a educação à vida social. Mas notem que as festas não se compõem, do princípio ao fim, por elementos artísticos. A própria vida, tal como ela é, tão caótica e contraditória que mal podemos servir-nos dela com base pedagógica, é preciso organizá-la. E essa organização podemos sobretudo consegui-la graças à arte: musica, literatura, teatro, cinema, artes plásticas. Visto que colectivamente são criadas pelas crianças obras de arte, ou por elas assimiladas, elas vão produzir na sua consciência uma impressão indelével. A este propósito, o génio de Tolstoi foi plenamente expresso nesta definição: a arte é antes de mais uma organização de palavras, de sons, de linhas, de cores, etc., que dá como finalidade a comunicar a uma massa de ouvintes, de espectadores, de leitores, etc., os estados de alma, os sentimentos, as emoções do autor. Isso é principalmente força de comunicação, é o elemento importante que difunde a imitação, e se o pedagogo de modo nenhum é um artista, de modo nenhum será pedagogo. *Ser artista* significa, antes de mais, organizar os meios de expressão que ajam directamente sobre os sentimentos humanos, e transformá-los (LUNATCHARSKI, 1988, p. 214-215).

A questão da educação estética continua fora dos nossos debates hoje; ela não é apresentada como questão para a educação.



Figura 5: A.V. Lunatcharski Comissário do Povo para Instrução Pública. Fonte: <http://lunacharsky.newgod.su/>

Vem à mente a cena do filme soviético *Poslanniki vetchnosti* (*Missionários da eternidade*). O roteiro trata de um dos personagens que, na Revolução de Outubro, teve como tarefa a preservação do Palácio de Inverno e de todas as obras de arte que estavam em seu interior. Ao tomarem o Palácio, soldados e marinheiros receberam a orientação de que tudo deveria ser preservado. A ordem vinha expressamente de Lênin: não destruir nada e preservar tudo. Numa determinada cena, os soldados entram numa sala em que há uma réplica da Vênus de Milo e ficam em volta admirando a escultura. Quando chega à sala o chefe do batalhão, ele observa a escultura e diz: “Quem arrancou os braços da mulher?”

Com a ascensão de Stalin ao poder, após a morte de Lenin em 1924, Lunatcharski é destituído do cargo de Comissário e sua atuação passa a ser na área cultural e ele viaja pelo país com palestras.

Em dezembro de 1931, Lunatcharski responde aos críticos que viam em suas obras “um sistema de opinião não-marxista e não-leninista sobre a literatura e a

arte”, propondo organizar um grupo especial de pessoas competentes que apresentaria um esclarecimento completo de aspectos positivos e negativos a respeito de seus trabalhos o que possibilitaria uma avaliação de sua parte também. Percebe-se que Lunatcharski não era um homem vaidoso e orgulhoso, pois sua principal preocupação era discutir amplamente a obra, mas, infelizmente, o que ele desejava não aconteceu.

O escritor Gorki, assim como fez com vários participantes do movimento revolucionário, o incentivou a escrever um livro autobiográfico e escreveu a Lunatcharski no outono de 1932:

O senhor viveu uma vida difícil, mas muito iluminada e realizou um grande trabalho. Durante muito tempo, quase a vida inteira, caminhou ombro a ombro com Lenin e com os companheiros mais destacados. O senhor, como ninguém, pode fazer isso – apresentar um maravilhoso retrato de A. A. Bogdanov [Malinovski]. Domina a palavra como um artista da palavra e quando quiser... O livro seu sobre sua vida é objetivamente necessário (LUNATCHARSKI, 1925, p. 19)³.

Uma característica muito interessante é apresentada por Trotski, ao saber da morte de Lunatcharski:

Como comissário do povo para instrução, Lunatcharski era insubstituível na relação com os velhos círculos universitários e pedagógicos em geral que, convictamente, aguardavam “dos usurpadores ignorantes” a total liquidação das ciências e das artes. Lunatcharski com entusiasmo e sem dificuldade mostrava para esse mundo fechado que os bolcheviques não apenas respeitam a cultura, mas que também não são alienados para conhece-la. Muito sábio da cátedra teve que, naqueles dias, olhar boquiaberto para esse vândalo que lia em meia-dúzia de novas línguas e em duas clássicas e que, de passagem, manifestava inesperadamente uma tal erudição diversificada que bastaria facilmente para uma dezena de professores acadêmicos. O aceite em colaborar com o poder soviético por parte da intelectualidade diplomada e patenteada pertence a Lunatcharski. Porém, como organizador direto do sistema de educação ele revelou-se fraco. Após as primeiras malsucedidas tentativas, em que a fantasia de dileteante se trançava com a fragilidade administrativa, Lunatcharski deixou de pretender ocupar qualquer direção na prática. O Comitê Central designava para ele

³ As citações seguintes foram traduzidas do russo para o português por Zoia Prestes.

ajudantes que, acobertados pela autoridade pessoal do Comissário do Povo, mantinham com firmeza as rédeas em suas mãos.

Assim, sobrava mais tempo para Lunatcharski se dedicar, nas horas de descanso, à arte. O Ministro da revolução era não apenas um apreciador e conhecedor do teatro, mas um fértil dramaturgo. Suas peças desvelam toda a diversidade de seus conhecimentos e interesses, a impressionante leveza de penetração na história e na cultura de diversos países e de épocas, finalmente, uma capacidade ímpar de combinar a invenção com o adquirido. E mais, não há um carimbo do autêntico gênio nelas.

Em 1923, Lunatcharski publicou o tomo “Silhuetas”, dedicado a características dos líderes da revolução. O livrinho veio à luz num momento muito impróprio e basta dizer que o nome de Stalin sequer era mencionado. Já no ano seguinte, “Silhuetas” foi censurado e Lunatcharski se sentiu meio desonrado. No entanto, mesmo neste momento seu traço feliz, a complacência, não o deixou. Rapidamente se reconciliou com o golpe no coletivo que dirigia e se rendeu por completo aos novos donos da situação. Porém, permaneceu até o fim como uma pessoa estranha nesse meio. Lunatcharski conhecia muito bem o passado da revolução e do partido, conservou interesses bem diversos e, enfim, era muito bem formado para não compor uma mancha imprópria nas fileiras da burocracia. Demitido do posto de Comissário do Povo, em que, aliás, conseguiu realizar até o fim sua missão histórica, Lunatcharski permaneceu praticamente sem função até ser designado embaixador na Espanha. Porém, ele não conseguiu ocupar o novo posto: a morte o alcançou em Menton. Não só amigo, mas até um adversário honesto não negará respeito até mesmo a sua sombra (TROTSKI, 2017, p.365).

Breves comentários finais

Em 1932, Lunatcharski adoeceu e viajou para tratamento na Alemanha. No ano seguinte, ele é nomeado Embaixador da URSS na Espanha por Stalin, porém o tratamento não surtiu efeito e ele falece sem assumir o posto.

Para finalizar este breve artigo, é importante destacar que, com Stalin no poder, o sonho da Revolução Socialista Russa foi desvirtuado. No entanto, a história da humanidade jamais poderá desconsiderar a enorme importância que teve a educação no processo de construção do novo país. Seus princípios foram anunciados e desenvolvidos por Anatoli Vassilievitch Lunatcharski – homem de grande valor humano e que elaborou os fundamentos da escola socialista, tendo por base as tarefas urgentes da escola, a instrução como base da cultura e a

arte como organizadora do coração do humano. Provavelmente, seu desejo também era que qualquer pessoa soubesse que a Vênus de Milo é uma das obras de arte mais maravilhosas criadas pelo homem e que seus braços não foram arrancados por soldados “ignorantes” da Revolução.

Referências

FISCHER, L. *A vida de Lênin*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LUNATCHARSKI, A. V. *Artigos e discursos sobre a instrução e a educação*. Moscovo: Edições Progresso, 1988.

LUNATCHARSKI, A. V. *Iz neopublicovannoi avtobiografii*. Disponível em: <http://lunacharsky.newgod.su/lib/vospominaniya-i-vpechatleniya/iz-neopublikovannoj-avtobiografii> Acessado em 25 de março de 2017.

KONSTANTINOV, N. A., MEDINSKI, E. N. e CHABAIEVA, M. F. *Istoria pedagogiki*. Moskva: Prosveschenie, 1988. (Em russo).

TROTSKI, L. *Anatoli Vassilievitch Lunatcharski*. Disponível em: <http://lunacharsky.newgod.su/bio/trockij-o-lunacharskom>. Acessado em 30 de abril de 2017.

Recebido em: 11.05.2017

Aceito em: 19.05.2017